

KOHAN, Walter.
Infância, Estrangeiridade, Ignorância – ensaios de
filosofia e educação.
Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Marcelo Senna Guimarães *

Com o novo livro de Walter Kohan, os leitores brasileiros – professores de escolas e universidades, estudantes de filosofia e educadores, entre outros – têm à disposição um conjunto de textos cuja leitura pode ser o começo de diversas experiências de pensamento. O autor se dedica, já há vários anos, a exercer o pensamento como experiência, nas escolas, universidades e diversos encontros para cuja realização tem sido o elemento articulador. Nesse livro, novos encontros ocorrem: aquele com Chiara Chiapperini, na entrevista que abre o livro e no posfácio que o encerra, é talvez o mais evidente. Chiara Chiapperini é professora da Universidade de Perugia, na Itália, e membro do grupo Amica Sofia, que promove a discussão de várias dimensões do ensino de filosofia.

O livro consiste em uma série de ensaios, uma entrevista e um posfácio escrito por Chiara Chiapperini (da edição italiana do livro) em que os temas da infância, da filosofia com crianças, do ensinar e do aprender, entrelaçados com aqueles da filosofia, da educação e da política são percorridos. Na esteira de Foucault, o livro se propõe como um livro-experiência, interessado em transformar a nossa relação com a verdade, e não tanto como um livro-verdade, que simplesmente nos diria a verdade. O objetivo não é tanto dizer como deve ser o ensino de filosofia, mas levar-nos a pensar diferentemente sobre a educação, o ensino e a filosofia, partindo das noções vinculadas de infância, estrangeiridade e ignorância.

Os ensaios do livro são instigantes e sugestivos, mas seus temas se tornam mais claros quando se notam alguns dos percursos já realizados pelo autor em textos anteriores, que percorrem temas retomados no livro. Walter Kohan, argentino, realizou seu doutorado na Universidade Iberoamericana, no México, em 1996. Este trabalho tem como título *Pensando la filosofía en la*

* Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor do Colégio Pedro II, Rio de Janeiro.

educación de los niños, e realiza uma apreciação crítica, independente e produtiva, do programa de filosofia para crianças de Matthew Lipman. Veio trabalhar na Universidade de Brasília (UnB) em 1997, onde desenvolveu o Projeto Filosofia na Escola, que envolveu o trabalho associado da universidade com diversas escolas da rede pública nas experiências de ensino de filosofia. Desde então, e também com sua ida para o Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 2002, tem sido importante personagem estimulador da discussão e da produção de ensino de filosofia, articulando os trabalhos realizados em diversos locais da América Latina e de outros continentes. Esse trabalho tem se concretizado em diversas publicações, das quais pode-se citar a coleção *Filosofia na Escola*, que teve sete volumes publicados pela editora Vozes; o livro *Filosofia – caminhos para seu ensino*, pela editora DP&A, foi um dos escolhidos para ser distribuído para escolas de todo o Brasil, com verbas do FNDE; além da participação em diversas publicações da Editora Autêntica, entre outras. Essa série de publicações se fez acompanhar da realização de vários encontros e congressos que ajudaram a ampliar e aprofundar um campo de discussão, pesquisa e produção do ensino de filosofia que se encontrava até então incipiente. Uma avaliação do sentido dessa trajetória pode ser acompanhada através da entrevista que abre o livro.

Em sua produção teórica, Walter Kohan tem se dedicado a trabalhar as relações entre infância e filosofia e entre pensamento e experiência, sempre em relação com a educação. Esses temas são retomados no livro de 2007. Logo no início, o autor apresenta algumas linhas mestras do livro. A infância é concebida não só como “sujeitos infantis”, mas como diversas “palavras nascentes” na educação, na filosofia e na política. Esse deslocamento de significado parece ser uma forma de tentar dizer o que não tem sido dito num discurso pedagógico que está farto de coisas já ditas e muito repetidas. As palavras nascentes são aquelas que nos fazem pensar outras coisas, de formas diferentes, estrangeiras, infantis de pensar. E talvez, em educação, estejamos mesmo saturados de um discurso não propriamente infantil, mas talvez “infantilizado”, preso a pensamentos já pensados, incapaz de se abrir ao outro, ao novo, à incerteza do próximo passo em qualquer investigação. A experiência de ensinar, e em particular ensinar filosofia, é um caminho aberto, não predeterminado, é “esperar o inesperado”, como afirma o fragmento 18 de Heráclito. Essa abertura do pensamento ao não pensado não pode ser antecipada, mas o podem os princípios que a acompanham. A compreensão desses princípios deve passar por um deslocamento daquilo que tem sido tantas vezes repetido e

ainda habita os discursos sobre a educação. O trabalho do livro é o de provocar instabilidades em diversos pensamentos demasiado consolidados.

Nesse sentido o livro de Kohan pretende confrontar três mitologias da infância: (1) “o mito pedagógico de formação política dos que chegam ao mundo”, com princípio no dispositivo socrático-platônico da “pergunta que sabe de antemão o valor das respostas”; (2) “o mito antropológico da infância como a primeira etapa da vida humana”, sob um tempo cronológico, sucessivo, consecutivo e em progressão para o melhor, vinculada às psicologias da aprendizagem; (3) o mito filosófico das ausências, negatividades ou imperfeições que se escondem, a partir da etimologia, em uma série de termos como infância, estrangeiro, ignorância, estranho, outro, o que não habita nosso mundo. Os diversos ensaios executam movimentos onde se tenta confrontar ou deslocar-se dos modos de pensar que supõem esses mitos.

A discussão motivada pelo livro *O Mestre Ignorante*, de Jacques Rancière, é instrutiva, pois permite visitar as condições atuais da filosofia da educação no Brasil através da análise da recepção dessa obra, publicada entre nós em 2002 pela Editora Autêntica. Essa obra apresenta um questionamento capaz de perturbar as compreensões habituais de crítica e de emancipação que normalmente se associam à educação. Em especial, questiona a centralidade da “explicação” no dispositivo pedagógico, e trata de mostrar como a lógica da explicação é contrária à emancipação, por supor uma desigualdade das inteligências daquele que explica e daquele que recebe a explicação. O livro de Rancière consiste na apresentação e análise da experiência de Joseph Jacotot, pedagogo francês que, após a revolução francesa, vai para a Holanda ensinar francês a alunos holandeses, sem que ele mesmo saiba o holandês. A experiência bem sucedida de um professor estrangeiro e ignorante permite olhar a educação de modo inusitado. A relação entre as vontades e as inteligências no ato educativo mostra que explicar significa submeter a inteligência do outro à sua própria inteligência, sendo portanto embrutecimento, e não emancipação. Essa crítica surpreende, pois mesmo algumas das mais bem-intencionadas tentativas de realizar a educação como emancipação mostram-se subitamente como contrárias aos fins que elas mesmas apregoam. A radicalidade dessa crítica teve dificuldades para ser compreendida num ambiente onde predominam visões de inspiração religiosa e marxista da educação, como é o caso das universidades brasileiras. Ela merece, no entanto, ser estudada com cuidado, num período em que as visões costumeiras da política e do sujeito não têm sido capazes de responder aos desafios que se apresentam aos educadores.

Trilhas Filosóficas

O livro prossegue, provocando dúvidas, gerando surpresas, apontando dimensões inusitadas de personagens ou conceitos já tão conhecidos. Assim, também Sócrates, que representa algo como o paradigma da relação entre filosofia e educação, é visto em algumas de suas facetas menos conhecidas, e aponta para outros papéis do não saber na busca pelo saber – ou na busca por uma outra relação com o saber.

A infância como início, como novo início, a ênfase na novidade, na diferença, no outro (na alteridade) – a busca por abrir outros caminhos na experiência de pensar a educação – até deixando a escola em paz por alguns instantes – a relação da educação – onde um se dispõe a ensinar e outro se dispõe a aprender... mas onde ocorre essa educação? Ou ambos não têm que se dispor a ensinar e a aprender, ou as condições para ensinar e aprender algo com alguém têm a ver com a amizade, talvez uma forma mais múltipla da comunhão necessária para o ensino, o aprendizado, a liberdade como vinham significados em Paulo Freire. A busca pelo novo permanece a busca da educação como prática de liberdade. Ainda que seja preciso libertar a liberdade de discursos que pretendem, de modo sorrateiro, apropriar-se dela...

O livro de Walter Kohan mostra-se, assim, de fato provocador e instigante do pensamento de outras formas da política, da infância, da filosofia e da educação. Parece entender educar-se como deixar-se transformar pela diferença do outro, pelos efeitos que as múltiplas diferenças dos múltiplos outros geram em nós, que já não somos apenas quem sempre fomos. O *excursus* sobre o filme *A Vila* lembra as considerações de Hannah Arendt sobre a tensão entre conservar e inovar em educação. A tensão entre o novo e o velho, entre o mundo que deve ser preservado da ação disruptora da novidade da infância, mas também entre a novidade da infância que deve ser preservada diante da tendência homogeneizante do mundo.

A intenção do autor parece ser mais a de abrir espaço para o novo, para o outro pensamento, para o que não se pode pensar, ouvir, falar em educação, filosofia e política, nos pontos de cruzamento dessas três atividades. Abrir espaço para a infância da educação, da filosofia e da política. Sem apresentar grandes esperanças em torno das possibilidades de nossas instituições educativas, mas também sem abandonar um otimismo inspirado em Foucault, segundo o qual abrir espaço para o outro é sempre possível, um outro mundo é possível.